



Yongbyon: um primeiro passo para uma nova Coréia

Ricardo dos Santos Poletto

As conclusões de Coréia do Sul, Japão, Estados Unidos, Rússia e mesmo China convergem para a percepção de que a ameaça nuclear norte-coreana está intimamente vinculada ao seu modelo de atrofia socioeconômica.

O comportamento de Pyongyang de relacionamento errático com as potências ocidentais e ambígua com seus vizinhos reflete ou uma estratégia sistemática de absorver a atenção diplomática, ou – tão simplesmente – a vontade excêntrica de seu chefe de Estado.

Do ponto de vista racional, entretanto, é possível esboçar uma consistente linha de ação da Coréia do Norte, ao passo em que a senha da sobrevivência do regime pode ser

resumida em sua busca pela ajuda externa, que é mediada, em grande medida, pela barganha militar.

A barganha de Pyongyang, portanto, adquiriu crescente efetividade a partir da elevação dos níveis de periculosidade da capacidade militar norte-coreana. O ápice desse processo foi observado nos últimos anos a partir do sucesso do programa nuclear. Os esforços diplomáticos que uniram seis potências regionais e globais em torno da Coréia do Norte se justificam pelo potencial destrutivo ainda maior que pode ser desenvolvido, como projéteis capazes de lançar a bomba nuclear a grandes distâncias.

Negociações seguem o padrão cadenciado de incentivos e ameaças.

Um fracasso nas negociações com base em ofertas de fundo humanitário e energético poderia conduzir os Estados Unidos, em último caso, a um ataque localizado ao reator de Yongbyon, não fosse a imponente presença da China que, se não está satisfeita com os últimos alardes coreanos, também não renega sua condição de patrocinadora do comunismo no país vizinho.

O sucesso das negociações para o Ocidente significa levar as autoridades norte-coreanas a uma encruzilhada, onde as opções são claras: armas nucleares ou ajuda internacional. Chegar até tal ponto requer muita sensibilidade por parte dos negociadores e está longe de ser o quadro atual das conversas hexapartites. Contudo, há que se reconhecer os grandes passos tomados nos últimos meses, quando Yongbyon foi colocada sobre a mesa como indicativo de possível congelamento e posterior encerramento do programa nuclear.

A premiação de Kim Jong-Il pela cooperação momentânea deve, para todos os efeitos, ser muito bem dosada para não criar vícios para um relacionamento onde a chantagem de fins exerce papel preponderante. Por outro lado, a Coreia do Norte só estará disposta abrir mão de seu único elemento de barganha após conseguir benefícios consideráveis e irreversíveis por parte de Japão, Coreia do Sul e Estados Unidos.

Após a contenda sobre os fundos coreanos congelados no Delta Asia Bank, de Macau, sob investigação de lavagem de dinheiro por autoridades norte-americanas - e que valeram de justificativa para o não compromisso do calendário de compromissos fechado no acordo do início do ano -, parece difícil apontar novas pequenas contendas que

sirvam de pretexto para os norte-coreanos refugarem ao avanço das negociações. A agenda entre as partes está relativamente limpa para que se possa levar a cabo os termos do acordo sem maiores sobressaltos, a não ser as indisposições envolvendo o Japão. Entretanto, com o convite para a visita de inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), torna-se difícil encontrar pretextos que ocasionem maiores retrocessos no processo de fechamento de Yongbyon.

Não se deve, contudo, subestimar a capacidade criativa das autoridades norte-coreanas em modelar a agenda de negociações. É interessante notar também que a Coreia do Norte, dada sua periclitante condição social e econômica, esforça-se em maquiar suas dificuldades internas para se apresentar sem constrangimentos na mesa de negociações. O Ocidente é consciente que os norte-coreanos também trabalham contra o relógio para acelerar o envio de ajuda internacional, embora não aposte muito nessa carta, uma vez que reconhece a insensibilidade do regime para necessidades humanitárias do país.

Confirmado o fechamento de Yongbyon sob supervisão da AIEA e cumpridos os acordos de suprimento energético, pode-se iniciar um novo ciclo de relacionamento entre a Coreia do Norte e o resto do mundo. Dificilmente estaremos falando de um relacionamento positivo, mas, sem dúvida, um relacionamento com maior grau de abertura.

Os norte-coreanos devem ficar satisfeitos por poderem colher por alguns anos os dividendos de seu atrevimento nuclear, enquanto as potências podem ficar mais tranquilas quanto a ameaças no já conturbado contexto da Ásia-Pacífico, mesmo que

tenham que suportar o regime de Kim Jong-Il. Em última instância, uma Coreia do Norte mais dócil pode facilitar que atenções se voltem para outros problemas; e o Irã poderia despontar como o centro da agenda nuclear neste início de século de desafios para o regime de não-proliferação.